

MARCOS VIEIRA MONTEIRO

Está doendo muito

Respostas da Bíblia para o seu sofrimento

Editora

PRAZER DA PALAVRA

2017

LEIA E DISTRIBUA O

Capítulo 14

DEUS MISTERIOSO

O DEUS MISTERIOSO

Atribui-se a *Epicuro*, famoso filósofo grego que viveu 300 anos antes de Cristo, o seguinte paradoxo:

“Ou Deus quer abolir o mal e não pode; ou ele pode, mas não quer, ou ele não pode e não quer. Se ele quer, mas não pode, ele é impotente. Se pode e não quer, ele é cruel. Mas, se Deus tanto pode quanto quer abolir o mal, como pode haver tanta maldade no mundo”.

O rabino Harold Kushner viveu uma das experiências mais trágicas que um pai pode experimentar. Um dos seus filhos, quando tinha apenas 3 anos de idade recebeu o diagnóstico de progéria: uma terrível doença degenerativa, que causa velhice precoce. Em vez de crescer, a pessoa que tem esta doença começa a encolher como um idoso.

O filho de Kushner ficou careca, sua pele perdeu a vitalidade, começando a enrugar, os dentes caíram. A percepção da morte precoce do seu filho, sem vivenciar as experiências normais de uma criança, adolescente ou jovem saudável, foi muito dolorosa para aquele pai e sua família.

O rabino – conselheiro muito requisitado - começou a se questionar sobre o que cria acerca de Deus. Ele tinha aprendido que o todo poderoso Deus determina todas as coisas, mas esta compreensão não dava as respostas que o seu sofrido coração precisava.

Após a morte do seu filho, aos 14 anos de idade, com o coração dilacerado pela dor, Kushner escreveu o livro “Quando coisas ruins acontecem com pessoas boas”, que se tornou um *best seller*, com mais de 4 milhões de cópias vendidas. Neste livro, ele declara

que não conseguia acreditar em um Deus poderoso e de amor ao mesmo tempo. ¹

Ele concluiu que Deus é bom, que nos ama verdadeiramente e detesta ver o nosso sofrimento, mas, infelizmente, as mãos divinas estão amarradas. Na sua visão, Deus simplesmente não tem poder suficiente para corrigir todos os problemas e males que existem na face da terra.

Este livro se tornou um sucesso, dentre outras razões, muito provavelmente porque expressou uma ideia que traz alento para muitas pessoas que sofrem: Deus deseja nos ajudar, mas não pode fazê-lo. Quando apelamos para Deus para que resolva os nossos problemas, estamos esperando demais dEle. O máximo que Ele pode fazer é nos ajudar a suportar o sofrimento gratuito que estamos experimentando.

Esta questão da intervenção divina no mundo, de fato representa um grande desafio à nossa compreensão.

Nosso filho André, quando tinha uns 5 ou 6 anos, um dia me perguntou:

- Pai, Deus pode tudo?
- Sim, meu filho.
- Tudo mesmo?
- Sim, meu filho.
- Por que Ele não mata o diabo?

Não consegui até hoje dar uma resposta plenamente satisfatória para ele.

Mas, será que o problema é que Deus não é suficientemente capaz de aniquilar o mal no mundo? Será que existem no mundo criado por Deus forças maiores do que Ele? Assemelhar-se-ia Deus àqueles cientistas de filmes de ficção que criam seres que depois

¹ KUSHNER, Harold. *Quando coisas ruins acontecem com pessoas boas*. São Paulo: Nobel, 1981.

adquirem uma autonomia e se tornam monstros incontrolláveis até para quem os criou?

Tratei este assunto no capítulo 11, quando analisei a proposta do “teísmo aberto”, mas, desejo complementá-lo a partir de uma breve análise da história de Jó. Os seus amigos o culpam equivocadamente, pelos sofrimentos que vivenciava. Jó questionou a Deus porque, a seu ver, não merecia o que estava passando. Finalmente, depois de muitos debates que estão registrados até o capítulo 37, Deus decidiu falar com ele:

“Prepare-se como simples homem, vou fazer-lhe perguntas e você responderá. Onde você estava quando lancei os alicerces da terra? Responda-me, se é que você sabe tanto. Quem marcou os limites das suas dimensões? Talvez você saiba! E quem estendeu sobre ela a linha de medir? (Jó 38.3-5).”

É impressionante o que acontece aqui. O pobre homem pedindo uma explicação para o seu sofrimento e recebeu como resposta um questionamento de Deus?! “Você tem consciência de quão grande é o meu poder?”

Depois de muito tempo calado, Deus resolveu falar, e ao invés de responder as perguntas de Jó, fez perguntas que o levaram a perceber quão grande e indescritível é o poder do Criador e sustentador do universo.

Deus reafirmou que Ele é o todo poderoso. “Aquele que contesta o Todo poderoso poderá corrigi-lo? Responda a isso quem acusa a Deus” (Jó 40.2).

Talvez Jó esperasse de Deus uma resposta do tipo: “Jó, meu filho, eu gostaria muito de poder ajuda-lo, mas, infelizmente, não posso. Eu sinto muito tudo que você está passando. Quero que você saiba que não tenho nada a ver com isso. Eu sofro com você, mas não tenho como ajudá-lo. Lamento”.

Deus não disse isso. Pelo contrário, enfatizou o seu extraordinário poder sobre toda a criação.

Então, a proposta do rabino Kushner, embora traga consolo, não me parece a mais adequada.

Uma vez que compreendemos, pela revelação bíblica, que Deus é todo poderoso, será que Lhe falta amor? Admitindo esta hipótese nos deparamos com outro problema: a mesma Bíblia que afirma que Deus é todo poderoso também declara que Deus é amor e registra este amor divino de muitas maneiras. Como resolver este dilema?

Podemos compreender Deus?

A resposta que Jó recebeu, aliada à minha caminhada espiritual como cristão e pastor, me conduz à conclusão: Deus, muitas vezes, se apresenta como um Deus misterioso.

Esta percepção sobre Deus tem seu fundamento na Sua palavra. Ele mesmo diz através do profeta:

“Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como o céu é mais alto do que a terra, os meus caminhos são mais altos que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos” (Isaías 55.8, 9).

Existem ações de Deus que estão além de minha compreensão. Mais do que isso: existem situações em que Deus aparentemente se omitiu e que não consigo compreender porque não agiu. Outras vezes, além de ficar inerte, Ele se calou e eu não soube explicar Seu silêncio.

Jó pediu explicações a Deus, mas, por razões que desconheço, não foi atendido. Nós sabemos o que estava por trás de todo

sofrimento porque o autor bíblico nos apresenta o debate entre Deus e o Diabo. Mesmo assim, não somos capazes de entender tudo o que se passa neste contexto além da realidade humana.

Deus não deu explicações para Jó do tipo: “Jó, estou mostrando para o diabo que você é fiel a mim mesmo em quaisquer circunstâncias, que você me ama independentemente de receber muitas bênçãos materiais. Portanto, Jó fique firme e eu o recompensarei”.

Deus jamais explicou para Jó o que estava acontecendo. Ele preferiu ir desfilando as maravilhas da natureza e o Seu poder extraordinário.

O romancista Frederick Buechner interpretou a confrontação de Deus com Jó da seguinte maneira:

“Deus pergunta a Jó quem ele pensa que é. Ele diz que, para explicar este tipo de coisas para as quais Jó pede explicações, seria como explicar Einstein para um marisco... Deus não revela Seus grandes planos. Ele revela a si mesmo”.

2

O escritor Philippe Yancey pondera: o que Deus queria de Jó? Simplesmente sua confiança. A mensagem oculta na bela poesia se resume no seguinte: “Jó, enquanto você não souber sobre as leis da física que governam o Universo, não venha me dizer como devo governar o mundo moral”.³

Se como Jó somos tão ignorantes acerca das maravilhas do mundo no qual vivemos, quem somos nós para julgar o governo moral de Deus sobre o Universo? Antes de acusar Deus, é sábio considerar a grandeza do acusado.

² BUECHNER, Frederick. Citado por YANCEY, Philip. *A pergunta que não quer calar*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

³ YANCEY, Philip. *A pergunta que não quer calar*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

Percebo situações ao meu redor que ocorreram debaixo da permissão divina porque, caso contrário, elas nem teriam existido, mas que não consigo entendê-las de modo algum.

No dia 25 de dezembro de 2001, um dos filhos do nosso colega pastor, José Maria Braga, saiu para alugar um filme em uma locadora a 3 quadras de sua casa, na cidade de Caucaia (Ceará). A sua mãe o alertou:

“- Meu filho, coloque o capacete.”

Ele pegou o capacete e o colocou no cotovelo e não na cabeça. Subiu na moto e na primeira esquina escorregou em um pouco de areia na rua. Ele caiu e foi parar debaixo de um ônibus que trafegava ali em baixa velocidade. Morreu na hora. Por quê?

Por que Deus permite que uma pessoa se salve miraculosamente de um trágico acidente de carro e outro morra por causa de um simples escorregão?

Não sei porque uma oração é atendida e outra semelhante é rejeitada.

Por que Deus não atendeu às centenas de orações feitas pelos irmãos de nossa igreja em favor do nosso irmão Carlos Soares que, com menos de 50 anos descobriu um câncer no coração e que até o último momento de lucidez acreditava em sua cura e em todo tempo glorificou a Deus?

E o que dizer de Marquinhos, um lindo e bem-humorado garoto que, tendo um diagnóstico de leucemia, foi levado às pressas para o hospital Albert Einstein, em São Paulo? Foram muitos meses de doloroso tratamento naquele hospital que é referência no Brasil no tratamento de câncer. Ele se submeteu a uma cirurgia de transplante de medula, considerada pelos médicos um sucesso, recebeu alta hospitalar e estava se preparando para retornar a sua casa, em Fortaleza. A esperança de cura enchia o coração de dezenas de pessoas que oravam por ele. Inesperadamente

recebemos a notícia: “Hoje pela manhã Marquinhos faleceu”. Por quê?

Como posso me esquecer daquela criança pobre, da Congregação que eu pastoreava no início do meu ministério em 1995, em Itaporanga (PB), atropelada no dia de Natal, quando foi atravessar a rua na porta de sua casa? Não me atrevi e até hoje não ousaria tentar explicar porque ou para que Deus permitiu que aquela vida fosse ceifada tão cedo.

Como compreender o silêncio e a negativa de Deus em preservar a vida da Claudia Germana, mãe de crianças de 3 e 5 anos e que queria muito viver para criar seus filhos, por quem oramos tantas vezes, clamando por uma cura do câncer que ceifou a sua vida em menos de 6 meses? Como compreender toda a dor dos filhinhos que ainda falam o tempo todo: “Minha mãe morreu, minha mãe morreu. Sinto saudades dela”.

Como compreender que o irmão Dutra, um dedicado servo do Senhor, líder leigo em pequenas igrejas no Piauí, permaneça quase 10 anos com Alzheimer, definhando cada dia mais, entre constantes idas e vindas ao hospital.

Você já deve ter ouvido aquela palavra de consolo de alguém bem-intencionado que diz: “não pergunte a Deus “por quê” pergunte a Ele: “para quê? ”. Aprendi, com o passar dos anos, que mesmo para a pergunta “para quê” nem sempre encontro uma resposta satisfatória.

Talvez quando nossos olhos se fecharem aqui na terra e se abrirem para a eternidade, se desejarmos ainda saber, obteremos uma explicação acerca de orações que não foram respondidas ou intervenções divinas que esperamos e não aconteceram.

Deus é amor e todo poderoso. Conciliar estas duas características de Deus nem sempre é completamente possível. Tenho diante de mim um mistério. Mas, creio tanto no amor quanto na onipotência

de Deus. Nem sempre sei por que Ele permite determinados sofrimentos que me parecem injustos e muito intensos. Mas, quem sou eu para compreender os mistérios divinos?

Mas, mesmo não entendendo perfeitamente a ação ou omissão de Deus, porque creio na Bíblia, não estou completamente às escuras.

Por que Deus não age contra o mal?

Como procurei demonstrar anteriormente, há uma grande parcela de sofrimento no mundo causado pelo próprio ser humano. Pense nos milhões de seres humanos que morreram barbaramente em duas guerras mundiais e muitas outras guerras de menor proporção no século 20. Pense naqueles que morreram ou continuam nas prisões na África, Indonésia, Coreia do Norte, vítimas de perseguição política e religiosa. Pense nas nações democráticas cuja economia depende da venda de armas a governos totalitários, nas indústrias que ganham “rios de dinheiro” fabricando minas terrestres que vão mutilar milhares de civis inocentes, inclusive crianças, no terceiro mundo. Pense na corrupção que rouba de milhares de pessoas o tratamento médico decente e coloca nos bolsos de políticos, de empresários e de líderes comunitários milhares de dólares de campanhas de ajuda humanitária.

A lista do sofrimento que tem como causa a injustiça, a ganância, a insensibilidade e a incompetência do ser humano parece infinita. Pense nos terroristas do Estado Islâmico espalhando o medo na Europa e tantos outros lugares do mundo pelo compromisso insano com uma religião que prega o ódio aos infiéis.

Não falta quem questione: Deus está cego?! Não está vendo esta roubalheira? Insensível a tanto sangue derramado de inocentes? Por que Ele permite tudo isso? Por que não intervém destruindo o mal?

Deus já fez isso em alguns momentos da história. Nos primórdios da humanidade destruiu quase toda a raça humana por meio de um gigantesco dilúvio. Lembra Sodoma e Gomorra? Mas, há um problema que a própria Bíblia apresenta em relação a estas duas cidades. Quando o pecado e o mal contaminam uma sociedade toda, como pode um Deus justo destruir o inocente juntamente com o culpado?

No caso de Sodoma e Gomorra, Deus providenciou a retirada de Ló e sua família. Eram pessoas inocentes naquela terra de gente corrompida. Mas, algumas vezes, o grande mal contagia nações inteiras, e milhares de pessoas estão envolvidas em diferentes graus nas políticas cruéis e arrogantes dos seus governantes. Professores são constrangidos a injetar na mente de seus alunos o ódio e o preconceito (como na Alemanha de Hitler), ou o ateísmo (como em países marxistas), ou a ensinar políticas que defendem o homossexualismo. Homens são forçados, por um patriotismo deturpado, a se envolverem em guerras ideológicas cruéis.

Nestes casos, como poderia um Deus justo e amoroso destruir nações inteiras sem destruir simultaneamente milhares de pessoas comparativamente inocentes (ainda que pecadoras) junto com os culpados?

Se Deus fosse destruir o mal, teria que realizar o julgamento de cada pessoa a fim de eliminar os maus. Suponhamos que Deus fizesse isso. Suponhamos que destruísse todos os maus e pecadores, em todos os lugares da terra, sem exceção? Onde Ele pararia? Quantos sobrariam? Onde traçaria a linha entre os maus e os bons?

Imagine a seguinte situação: dois homens egoístas e insensíveis. Um deles com seu comportamento está arruinando a vida de sua esposa. Ele é agressivo, infiel, decide romper o seu casamento para ficar com outra mulher e traz danos psicológicos enormes para os filhos. O outro homem é um poderoso político, um ditador

cruel que leva o sofrimento e morte a milhares de pessoas. O que o primeiro homem teria feito se tivesse o mesmo poder que o segundo? Qual dos dois é, no coração, o pior?

O mal existe no mundo, em uma grande medida, porque existem pessoas más, porque o coração do ser humano está contaminado pelo pecado. Portanto, se Deus decidisse eliminar completamente o mal na terra, quem seria poupado?

A Bíblia apresenta o veredito de Deus sobre a raça humana: somos todos pecadores. Julgados pelos padrões absolutos de Deus nenhum de nós é completamente inocente. Deliberadamente ou não, com nossas palavras ou silêncio, ações ou omissões, expressamos o nosso egoísmo e trazemos sofrimento para outras pessoas.

Por que Deus não intervém logo? Porque Ele é misericordioso.

No livro de Jonas, Deus anunciou através do profeta a destruição da cidade de Nínive. Poderia ter destruído a cidade sem nenhum aviso prévio. Mas, Ele decidiu avisar. Aconteceu algo inesperado. A cidade inteira, a começar pelo rei, se arrependeu. Deus exerceu a sua misericórdia de forma bem coerente com aquilo que Ele é.

Por que Deus não destrói hoje o mal que provoca tanto sofrimento no mundo? “Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2Pedro 1.3-9).

Creio que já ficou claro que uma das principais razões do sofrimento na face da terra está em nós mesmos, os seres humanos. Um mundo perfeito sem sofrimento humano implicaria na destruição de todos nós ou em uma transformação extraordinária em cada um de nós.

O fim do mistério?

Por que Deus não interfere mais e minimiza o nosso sofrimento aqui na terra? Por que permite que tragédias aconteçam?

Nem sempre posso compreender as ações e omissões de Deus. Ele nem sempre ouve as minhas orações como eu gostaria. Às vezes, muitos anos depois, começo a entender porque vivi determinado problema que tanta dor causou ao meu coração.

Começo a entender que as decepções amorosas na adolescência e na juventude que “arrebentaram meu coração” me capacitaram a identificar e aceitar melhor a dor de adolescentes e jovens que aconselho.

Situações que eram completamente indecifráveis começam a fazer sentido. Mas, geralmente isso ocorre muito tempo depois e não durante o período de sofrimento.

Outras interrogações sobre o silêncio ou a inação divina certamente carregarei comigo até a sepultura.

Como tenho aprendido, devo me curvar diante de Deus humildemente, mesmo quando não o compreendo. Afinal, quem sou eu para entender completamente o grandioso Deus?

O que mais consola o meu coração é saber que, se Deus não age, não é porque Ele esteja de mãos atadas.

Quando medito na resposta ao sofrimento que Deus oferece a Jó, percebo que um Deus com sabedoria suficiente trazer à existência o universo e me criar, é sábio o bastante para tomar conta de mim.

Além disso, Deus continua muitas vezes inerte, simplesmente porque ainda não chegou o tempo dEle agir. Este é o tempo da graça, da misericórdia que tem como objetivo nos dar uma chance de arrependimento.

Portanto, quando o sofrimento chegar à sua casa, não se desgaste tentando a todo custo entender o “por quê” ou até mesmo “para

quê”. Também, não pense que Deus sofre com você, mas é impotente.

Convido você a crer nEle, não importando as circunstâncias, sabendo que quem está ao seu lado e vai cuidar de você é o seu Pai Celestial, que nem sempre se explica, mas continua sendo o Deus cheio de poder e misericórdia.

OBRIGADO

Por ler o capítulo 14 do livro

**“Está doendo muito”, de
MARCOS VIEIRA MONTEIRO
(Editora Prazer da Palavra)**